

Psicologia em Pesquisa

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa>

Inibição, sintoma e angústia: a angústia entre o perigo e o trauma

Inhibitions, symptoms and anxiety: the anxiety between danger and trauma

Inhibición, síntoma y angustia: la angustia entre el peligro y el trauma

Antonio Henrique Ruiz Nakashima¹ & Érico Bruno Viana Campos²

¹ Universidade Estadual Paulista – Botucatu. *E-mail:* henri.nak22@gmail.com *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0002-4457-4116>

² Universidade Estadual Paulista – Bauru. *E-mail:* ebcampos.online@gmail.com *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0002-4716-4163>

Informações do Artigo:

Érico Bruno Viana Campos
ebcampos.online@gmail.com

Recebido em: 08/12/2020
 Aceito em: 19/03/2021

RESUMO

O presente artigo visa desenvolver algumas categorias conceituais emergentes da leitura do texto freudiano *Inibição, sintoma e angústia (ISA)* que possam contribuir para uma síntese dos diversos aspectos da conceitualização da angústia. São elas: angústia automática; angústia sinal; angústia de castração e objeto da angústia. A partir delas, demonstraremos que a angústia conceituada em *ISA* possui uma faceta voltada para a negatividade do trauma (irrepresentável) e outra voltada para a positividade do perigo (representado).

PALAVRAS CHAVE:

Psicanálise; “Inibição, sintoma e angústia”; Angústia; Trauma Psíquico; Desamparo.

ABSTRACT

This article aims to develop some conceptual categories emerging from the reading of Freud's *Inhibitions, Symptoms and Anxiety (ISA)* that can contribute to a synthesis of the different aspects of the conceptualization of anxiety. They are: automatic anxiety; signal anxiety; castration anxiety and object of anxiety. From them, we will demonstrate that the anxiety conceptualized in *ISA* has a facet focused on the negativity of the trauma (unrepresentable) and another focused on the positivity of the danger (represented).

KEYWORDS:

Psychoanalysis; “Inhibitions, symptoms and anxiety”; Anxiety; Psychic Trauma; Helplessness.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo desarrollar algunas categorías conceptuales que surgen de la lectura del texto freudiano *Inhibición, síntoma y angustia (ISA)* que pueden contribuir a una síntesis de los diferentes aspectos de la conceptualización de la angustia. Ellos son: angustia automática; angustia señal; angustia de castración y objeto de la angustia. A partir de ellos, demostraremos que la angustia conceptualizada en *ISA* tiene una faceta centrada en la negatividad del trauma (irrepresentable) y otra centrada en la positividad del peligro (representado).

PALABRAS CLAVE:

Psicoanálisis; “Inhibición, síntoma e angustia”; Angustia; Trauma Psíquico; Desamparo.

No plano geral da teoria freudiana é possível reconhecer uma periodização das formulações acerca da angústia (Laplanche, 1987; Loffredo, 2012; Green, 1982; Rocha, 2000). Podemos identificar três tempos referentes a determinadas matrizes teóricas que se constituem como concepções da angústia articuladas às mudanças na perspectiva teórica psicanalítica.

O primeiro tempo é concernente às investigações sobre as neuroses atuais, no qual a angústia é concebida como descarga somática, circunscrita ao corpo e sem a participação do psiquismo. Trata-se de uma teoria essencialmente econômica. O segundo coincide com a proposição da primeira tópica e primeira teoria das pulsões, que possibilitou a passagem das neuroses atuais para as psiconeuroses de defesa. O historial clínico do “pequeno Hans” (Freud, 1909/2015) ganha destaque aqui com a distinção da histeria de angústia como processo psicopatológico independente. A angústia passa a ser inscrita no psiquismo como afeto derivado do recalque por meio da transformação da libido. Nesta concepção da angústia, Freud destaca a dimensão tópico-dinâmica. O terceiro tempo se articula com o contexto teórico-clínico referente à virada dos anos 1920. A proposição da

segunda teoria pulsional e da segunda tópica, que concebe o psiquismo por meio de instâncias que interagem entre si (Eu, Id, Supereu), levou Freud à reformulação de sua teoria da angústia por um “procedimento de coerência sistêmica” (Rocha, 2000, p. 98). A experiência clínica com os aspectos autodestrutivos da melancolia, o masoquismo e a identificação da reação terapêutica negativa, articulados intimamente com a pulsão de morte, evidencia o estado de desamparo primordial próprio ao ser humano (Mezan, 2014).

As proposições de “Inibição, sintoma e angústia” (Freud, 1926/2014), doravante designado como *ISA*, inserem-se nesse terceiro tempo, reformulando a teoria da angústia a partir dos aportes teóricos conferidos pela segunda tópica, tendo como pano de fundo o desamparo originário e fundamental.

O texto de *ISA* não se apresenta de maneira linear, é, portanto, cheio de idas e vindas (Campos, 2014), delineado por um movimento de vai e vem da argumentação, o que lhe dá uma “aparência um tanto desconjuntada” (Gay, 1989/2012, p. 493). Laplanche (1987) o considera um “texto difícil, repleto de retornos, arrependimentos, dúvidas, retomadas das mesmas questões” (p. 133). Trata-se de um ensaio no qual Freud (1926/2014) envida esforços para formular uma nova teoria da angústia. Dessa forma, a revisão das propostas sobre o tema, sustentadas até então, dá margem a muitos questionamentos, abrindo uma série de flancos na argumentação. Não obstante tais linhas de exposição sejam extremamente ricas e valiosas, ao final identifica-se uma carência quanto à síntese dos diversos aspectos aventados para a conceituação da angústia.

Diante disso, propõe-se que o quadro geral desse texto freudiano seja balizado por algumas categorias conceituais de referência no que diz respeito à teoria da angústia nele apresentada. São elas: *angústia automática*; *angústia sinal*; *angústia de castração* e *objeto da angústia*. O presente artigo tem por objetivo apresentar essas categorias que emergem da leitura do ensaio freudiano e, a partir delas, demonstrar que a angústia conceituada em *ISA* possui uma faceta voltada para a negatividade do trauma (irrepresentável) e outra voltada para a positividade do perigo (representado). Apesar de Freud centrar a mobilização defensiva da angústia a partir de uma ameaça significada, a castração, veremos que a argumentação de *ISA* encaminha suas proposições para a dimensão traumática, vazia de sentido. A indeterminação do objeto da angústia também aponta para o horizonte da negatividade, ao destacar a situação traumática. A discussão empreendida em *ISA*

acerca da espacialização psíquica do perigo relativiza a polaridade instituída entre realidade e neurose, apontando para a original condição de desamparo e para o fundamento real das pulsões. O expediente hermenêutico utilizado foi o proposto por Campos e Coelho Junior (2010) para investigações teóricas em psicanálise. Privilegia-se uma leitura que não se fecha em uma suposta unidade dogmatizante, procurando abordar as articulações internas do texto a ser estudado.

Angústia automática

Ao iniciar suas considerações acerca da teoria da angústia, Freud (1926/2014) aborda a questão a partir da formação dos sintomas, destacando aí o processo defensivo e relativizando as asserções que vinha sustentando. Ele questiona a relação anteriormente estabelecida entre angústia e recalque, na qual aquela seria produto da automática transformação da energia de investimento das pulsões recalçadas. O Eu, partindo de suas íntimas relações com o sistema perceptivo, poderia influenciar o princípio do prazer por meio de um sinal desprazeroso (angústia), de maneira a pôr em marcha o processo defensivo contra as moções pulsionais procedentes do Id. A origem da energia envolvida na produção desse sinal adviria do investimento pré-consciente que o Eu retira do representante pulsional a ser recalçado.

Entretanto, Freud (1926/2014) identifica fragilidades em tal hipótese, afirmando que a produção da angústia envolve um *investimento intensificando*, não podendo se restringir apenas ao substrato energético derivado do recalque de uma moção pulsional. Observamos que, ao abordar o problema da origem da angústia, Freud se depara com o constrangimento da hipótese econômica constituída pela série causal que liga a retirada de investimento e o desencadeamento da angústia. Esta não seria gerada em cada incidência do recalque, mas sim reproduzida como um estado afetivo, tendo como referência uma imagem mnêmica já inscrita. A explicação, que vinha sendo pautada pela vertente econômica, volta-se então para o aspecto histórico.

Freud (1926/2014) concebe o afeto como um ataque histérico universal, comum a todos os humanos. Indicando a dimensão filogenética, ele pontua que “os estados afetivos incorporaram-se à psique como precipitados de antiquíssimas vivências traumáticas, e são *despertados como símbolos mnêmicos* quando situações análogas ocorrem” (p. 23, grifos nossos). A caracterização do afeto segue o modelo da constituição

do sintoma histérico. A ideia de um símbolo mnêmico corresponde à concepção segundo a qual o sintoma representa algo traumático, entendendo-se com isso a memória de uma experiência recalçada. Portanto implica em uma inscrição, ou seja, um registro da vivência, tal qual o modelo de trauma apresentado nos “Estudos sobre a histeria” (Freud, 1893-1895/2016).

A partir da ideia de que a angústia seria uma reação afetiva *reproduzida*, Freud inquiriu: “... qual a sua função, e em que ocasiões é reproduzida? A resposta parece plausível e inevitável. A angústia surgiu como reação a um estado de *perigo*, e agora é reproduzida sempre que um estado desses se apresenta” (1926/2014, p. 74). No encaixe da formalização da noção de perigo, ele hipotetiza um estado de angústia original, a referência para as ulteriores reações de angústia. Concede especial atenção ao momento do nascimento, como possibilidade de nele ser identificado um referente traumático ao qual a angústia assenta-se como reprodução afetiva. “No ser humano e nas criaturas a ele aparentadas, o ato do nascimento, sendo a primeira vivência individual da angústia, parece ter dado traços característicos à expressão da angústia” (Freud, 1926/2014, p. 23).

Nesse ponto do ensaio, a argumentação tem como referência as proposições de Otto Rank (1924/2016), em seu livro “O trauma do nascimento”. As ideias do autor consideravam o nascimento como a vivência traumática fundamental, assentando-se como a referência última da angústia. Assim, esse corresponderia à experiência da qual toda manifestação afetiva da angústia seria símbolo mnêmico, seguindo o modelo do trauma que foi mencionado acima, que pressupõe uma inscrição psíquica. Suas teses elevam o trauma do nascimento ao status de pedra fundamental da estrutura teórica psicanalítica, de modo que toda manifestação ulterior de angústia seria uma tentativa de superar o trauma do nascimento, ou ab-reagi-lo.

Avaliando as hipóteses de Rank, Freud (1926/2014) tece objeções: é pouco provável que o bebê, ao nascer, seja capaz de obter e reter algo além das sensações de natureza tátil. Além disso, as considerações de Rank acerca das posteriores reações de angústia, quanto ao sentido destas à luz das primeiras percepções do bebê, estão eivadas de arbitrariedade na interpretação. A noção de perigo não pode ser identificada ao momento

do ingresso à vida, dado que, psicologicamente, ele nada *representa*. “O perigo do nascimento não tem ainda um conteúdo psíquico” (Freud, 1926/2014, p. 75).

O que se verifica nesse momento é a passagem de uma situação homeostática e equilibrada, características da vida intrauterina, para um contexto demasiadamente estimulante. No nascimento, o bebê está assujeitado a uma grande perturbação econômica, ocasionada pelo incremento da intensidade dos estímulos que exigem solução. Na vigência da insatisfação desses estímulos, o bebê encontra-se sem recursos, sem proteção, sem amparo: *hilflos*, em alemão, daí a expressão empregada por Freud, *Hilflosigkeit*, vertida para o português como *desamparo* (Hanns, 1996). Eis configurado o núcleo da situação prototípica de perigo.

Ao abordar o nascimento, Freud (1926/2014) evidencia o desamparo frente a convulsão econômica, desprovida de representação. No encafo pelo perigo primordial, referente para a angústia, Freud encontra a dimensão do excesso. Tal como sugerido por Rank (1924/2016), o nascimento tem relevância na investigação; porém, não pelos mesmos argumentos levantados em sua teoria, que pressupunha a inscrição mnêmica.

Isso leva Freud a estabelecer uma distinção entre a situação de perigo e a situação traumática, sendo que a primeira delas possui um evento registrado, representado simbolicamente, e a segunda, por outro lado, é irrepresentável. Diferentemente do primeiro modelo de trauma proposto por Freud, verifica-se aqui uma outra concepção, tributária de suas considerações elaboradas em “Além do princípio do prazer” (Freud, 1920/2010), que destacam a pulsão de morte e a compulsão à repetição. Nesse outro modelo de trauma “... prevalece o caráter econômico, não simbolizável e inacabado do acontecimento” (Uchitel, 2011, p. 104).

Deste modo, a angústia automática corresponde à descarga afetiva involuntária, relativa à situação traumática. A designação *automática* refere-se à impossibilidade do Eu responder, encontrando-se submetido à condição avassaladora. Justamente a noção de angústia automática implica a inoperatividade do Eu, tal como no nascimento, momento em que não havia um organizador constituído. Trata-se de “pura intensidade” (Garcia-Roza, 2008, p. 56), liberação de energia não ligada, desprovida de elaboração psíquica (Laplanche, 1987), cujo domínio psíquico é inviável.

Assim, sob a visada da angústia como afeto reproduzido, a referência encontrada no momento do nascimento diz respeito apenas às trilhas específicas pelas quais a angústia é descarregada (Freud, 1926/2014). O incremento do ritmo cardíaco e a hiperatividade pulmonar, por exemplo, são expressões corporais que são recolhidas do nascimento e repetidas no estado angustiado. Destaca-se, a um só tempo, o “excesso de corpo” (Pereira, 1999, p. 87) e a ausência de conteúdo mnêmico.

O trauma atinente ao desamparo fundamental, em si mesmo irrepresentável, constitui-se como um protótipo, um modelo sobre o qual configurarão as situações de perigo. O trauma do nascimento adquire o *sentido* de perda *a posteriori* (Campos, 2014). Figueiredo (1999) também realça essa temporalidade, segundo a qual, somente depois o sentido pode ser articulado. Desse modo, a rigor, o momento do nascimento não poderia ser considerado uma vivência, propriamente. Dada a ausência de um Eu constituído e da possibilidade de registro, a origem da angústia é apenas mítica, fora do âmbito da experiência.

Podemos verificar o quanto a noção de angústia automática, em *ISA*, relaciona-se com o momento originário referente ao nascimento, caracterizado pela convulsão econômica nele implicada e pelo aspecto irrepresentável. Trata-se de um emergente teórico intimamente articulado às noções de trauma e desamparo, sem possibilidade de qualquer domínio psíquico sobre a exigência pulsional, na medida em que é “pura soma de excitação sem ligação” (Monzani, 1989, p.171). Nesse sentido, a angústia de caráter automático tem um aspecto fundamentalmente *negativo*, demandando elaboração em sentido, e permanece como condição originária e nuclear do funcionamento afetivo e defensivo do aparelho psíquico.

Angústia sinal

A partir da observação do desenvolvimento dos bebês, Freud (1926/2014) percebe que a intensidade da angústia diminui com o passar do tempo, vindo a aparecer novamente anos depois. São identificadas três ocasiões nas quais as manifestações de angústia pela criança são compreensíveis: quando ela está sozinha, no escuro ou na presença de alguém estranho. Em todas, o fator comum é ausência da pessoa amada, a mãe.

A criança passa a conceber a mãe como um objeto que a protege do desamparo, na medida em que ela satisfaz suas necessidades, evitando a elevação das magnitudes de estímulos, que a levaria à situação traumática.

Segundo Freud (1926/2014), “o teor do perigo se desloca da *situação econômica* para sua condição, a perda do objeto. A falta da mãe torna-se o *perigo*” (p. 79-80, grifos nossos).

Tal deslocamento é tributário da constituição de um objeto protetor, bem como da possibilidade de inscrição mnemônica inconsciente e referente às experiências em momentos nos quais o objeto falta. Isso enseja mais uma distinção entre a situação traumática e a de perigo. O perigo se configura quando a necessidade não é atual. Conta-se com o apoio de um objeto protetor do desamparo, sendo então a possibilidade da perda dele o fator perigoso. A situação traumática corresponde à situação de desamparo vivida ou atualizada. Mas, frente à situação de perigo, ainda cabe ao Eu a possibilidade de realizar alguma ação no sentido de subtrair-se à ameaça.

Tão logo a ausência do objeto é constatada, o Eu emite o sinal de angústia na tentativa de evitar que a desordem econômica se instale. Essa sinalização, caracterizada por uma *reprodução deliberada* de angústia, é considerada por Freud como “um primeiro grande avanço no desvelo pela autoconservação” (1926/2014, p. 80). Designa-a como um sinal salvador, alertando a instância prazer-desprazer para a iminente vigência da situação ameaçadora e mobilizando o processo defensivo. Com isso, a angústia adquire uma função, como sentinela do psiquismo, ocupando importante posição estratégica no quadro geral das defesas. Alinhada ao princípio do prazer e à adequabilidade das respostas produzidas, a fim de evitar os perigos, a angústia sinal é emitida de forma atenuada, limitando a “vivência penosa a uma indicação” (p. 110).

É possível verificar que, anteriormente ao *ISA*, o pensamento freudiano já havia considerado a ideia de uma sinalização referente à angústia – afeto reduzido a “mero estágio inicial, a um sinal” (Freud, 1916-1917/2014, p. 522). Entretanto, neste ensaio tal concepção ganha destaque a partir de sua articulação ao Eu, considerando o papel que ele exerce no psiquismo.

Para compreendermos parte do caráter inovador da reformulação teórica da angústia proposta em *ISA*, é preciso considerar o contexto teórico freudiano no qual o ensaio foi elaborado. Segundo Rocha (2000), um ponto essencial do percurso teórico, a ser sublinhado, consiste nas inovações condizentes à segunda tópica, apresentadas em “O Eu e o Id” (Freud, 1923/2011). Nesse trabalho, o Eu já havia sido considerado como a sede da angústia, dado constituir-se como uma instância organizada, em íntima relação com o sistema perceptivo,

cabendo a ele sentir os afetos e julgar as situações. A partir da perspectiva aberta pela introdução do conceito de narcisismo, Freud empreende investigações sobre o Eu de maneira mais dedicada, culminando na formulação da segunda tópica. Por conta do estudo mais aprofundado do Eu, Freud é levado a revisão da teoria da angústia (Rocha, 2000).

É no Eu que o sinal de alerta é deliberadamente reproduzido. A angústia sinal enseja a observação quanto ao contraste referente à *passividade* implicada no trauma, quando o Eu se encontra desamparado, posto que assolado pela magnitude de estímulos e inoperante no seu papel de organizador. Assim, a descarga automática de angústia é sempre inadequada, uma vez que o Eu se encontra paralisado. Ao contrário, a angústia em sua dimensão representada remete à *atividade* do Eu, ou seja, à busca pelo domínio psíquico das impressões recebidas. A concepção de angústia sinal implica em um afeto domesticado pelo Eu, na medida em que ele se serve dela segundo seus desígnios, como ordenador do psiquismo.

Para tanto, é necessário poder reconhecer o perigo, e isso demanda alguma inscrição no nível da representação. A partir da função indicativa da angústia, é preciso que nos atentemos para aquilo que ela sinaliza imediatamente: o perigo. Afinal, Freud especifica que “... se o afeto da angústia é capaz de obter posição excepcional na economia psíquica, isso está relacionado à essência do perigo” (1926/2014, p. 94). Podemos verificar que a convulsão econômica, típica do ato do nascimento, possibilitou a Freud destacar o *núcleo do perigo*: a dimensão do trauma/desamparo, desprovida de conteúdo psíquico (irrepresentável). A partir de Figueiredo (1999), apontamos para o caráter de posterioridade segundo o qual ocorre a articulação de um sentido, de uma experiência. A esse respeito, Laplanche (1987) admite níveis de elaboração do afeto, partindo do grau mais elementar, caracterizado pela angústia – “é o afeto menos elaborado e mais próximo da descarga energética pura” (p. 32). A elaboração implica em trabalho de ligação, primeiramente com meras reações somáticas; posteriormente, com representações, ampliando os níveis de simbolização.

Entendemos que, em *ISA*, a noção de perigo requer uma inscrição psíquica, ou seja, uma experiência passível de ser registrada mnemonicamente. O apelo de sentido, próprio da dimensão irrepresentável do trauma/desamparo, posteriormente articula-se com a aceção da falta do objeto protetor.

A perspectiva histórica levou Freud a perscrutar um sentido para o perigo, que a angústia sinaliza. A noção de perigo, pressupondo memória, remete à *experiência da falta da mãe*, da possibilidade da *perda do objeto* de proteção contra o desamparo. A articulação de um campo semântico referente à perda/separação/falta constitui-se sobre um fundo vazio, negativo e irrepresentável, concernente ao trauma e ao desamparo. Por essa razão, a angústia como sinal corresponde à “expectativa do trauma” (Freud, 1926/2014, p. 116), uma vez que indica a eminência de instalação da temível perturbação econômica.

Nesse sentido, a angústia é o que protege da falta do objeto primário. Entendemos que a angústia sinal é o emergente teórico que, em *ISA*, sublinha a característica da espera e prontidão diante do perigo significado. Podemos, a partir da ideia de sinal de angústia, afirmar que a angústia ganha uma característica *positiva*, dado que o perigo indicado por ela implica em representação, experiência inscrita que faculta ao Eu a operação indicativa da ameaça, por meio do afeto.

Angústia de castração

Em *ISA* é possível verificar que o delineamento das considerações de Freud, referentes à angústia, não perde a perspectiva do interesse clínico, sempre visando o interesse pela constituição das neuroses. Suas inquietações concernentes à relação entre a geração de angústia e a formação de sintomas o levam à revisão de dois de seus históricos clínicos, os casos do “Pequeno Hans” (Freud, 1909/2015) e do “Homem dos Lobos” (Freud, 1918/2010), propondo um pequeno estudo comparativo.

O caso do “Pequeno Hans” parte do estado subjetivo que esse menino de 5 anos idade passa a apresentar: uma expectativa angustiada de ser mordido por um cavalo. O menino apresentava disposições afetivas ambivalentes para com o pai, configurando-se um conflito, portanto. O sintoma, como formação de compromisso, viria como tentativa de resolver isso. Logo, verifica-se a substituição do pai pelo cavalo. A moção pulsional a ser recalçada é a hostilidade endereçada ao pai. A elucidação da formação do sintoma fóbico requer outra medida defensiva, além do recalque: a moção agressiva sofre regressão até o estágio oral; daí o elemento “morder”, presente no caso. Outra peculiaridade é a reversão da pulsão em seu contrário – a agressividade, originalmente remetida ao pai, passa a vir dele em relação ao menino. Lembrando da substituição já considerada

– o deslocamento do pai para o cavalo – tem-se então, conscientemente, a ideia de Hans ser mordido por um cavalo, acompanhada de medo.

O caso do “Homem dos Lobos” surge no texto, entremeado ao do “Pequeno Hans”. Freud (1926/2014) inicia sua revisão a partir do elemento referente à oralidade, também presente nele. Esse paciente russo, que o procura para análise contando mais de 20 anos de idade, relata eventos de sua vida enquanto criança, momento em que apresentou uma fobia referente aos lobos. Ele apresentava medo de ser devorado por eles. Freud considera que a moção a ser recalçada, nesse caso, também corresponderia à hostilidade em relação ao pai. Entretanto, logo depois, sublinha como mais importante a postura passiva e terna diante dele. Nesse ponto, indica uma das coisas inesperadas que a revisão dos casos clínicos o faz observar. Na realidade, não se trata apenas de uma tendência pulsional, a hostil; a amorosa, que forma par com ela, também deve ser considerada. Assim, a corrente passiva, que já havia alcançado a organização fálica, relativa ao desejo de ser tomado como objeto de amor pelo pai, sofre uma degradação regressiva até o estágio oral, ocasionando a ideia de ser devorado. Observa-se que a tendência passiva permanece; porém, dada a regressão, o “ser amado” pelo pai, torna-se “ser devorado” por ele. Posto isso, sucede-se o recalque, resultando na substituição do pai pelo lobo.

Freud (1926/2014) observa que quase todos os elementos afetivos que compõem o complexo de Édipo são atingidos pelo recalque. Além das correntes amorosa e hostil para com o pai, a disposição afetuosa dirigida à mãe também é suprimida, o que pode ser verificado com mais clareza no caso do “Pequeno Hans”.

A constatação mais importante decorrente desse estudo comparativo corresponde a outro resultado inesperado. Em ambos os casos, a angústia de castração constitui-se como o disparador do recalque. A ideia de “ser castrado pelo pai” seria o ponto sobre o qual o recalque incidiria.

Tais considerações, feitas à luz da casuística clínica revisada, exigem uma retomada das formulações apresentadas até aqui. Vimos que a angústia como sinal mobilizador da defesa pressupõe um perigo em resposta ao qual sua emissão é realizada. Por seu turno, o perigo é um sentido, elaborado *a posteriori*, a partir do protótipo do nascimento, entendido como a irrepresentabilidade do trauma, referente à condição de desamparo frente a exigência das pulsões. O sentido corresponde à perda do objeto protetor do desamparo.

A simbolização dos perigos alertados pela angústia segue uma série de qualificações ao longo do desenvolvimento, invariavelmente articuladas com a semântica da perda. Freud elenca o desamparo psíquico referente ao Eu imaturo, a falta do objeto cuidador, condizente aos primeiros anos de vida; o perigo da castração, no contexto da fase fálica e o temor ante o Super-eu, correspondente ao período de latência. Entretanto, Freud insistirá na sua centralização em torno da problemática edípica e da angústia de castração, de forma que o perigo central do qual o neurótico se defende é o perigo da castração. É sob sua primazia que se dá a estruturação subjetiva. Todos os outros perigos, fundamentalmente, remontam para essa ameaça. O pano de fundo do desamparo é mantido diante da necessidade. “Mas a necessidade de que se teme a intensificação é agora *especializada*, da libido genital, não é mais geral como no período da primeira infância” (Freud, 1926/2014, p. 81, grifos nossos).

A partir dos casos clínicos, Freud (1926/2014) põe em destaque o afluxo incontrolável das excitações sexuais e agressivas, atinentes às tendências edípicas, ou seja, às tendências pulsionais que expressam o desejo. O desenvolvimento desses desejos encontra uma barreira, um *limite*, representado pela angústia ante a ameaça de castração relacionada ao pai. Percebe-se que a angústia de castração é o ponto chave no deflagramento do recalque. O desejo encontra nesse perigo a referência a partir da qual o acesso é proibido sob pena da perda de um valioso objeto: o falo.

É interessante notar que Freud (1926/2014) concebe a angústia de castração como um “*medo realista*, angústia ante um perigo propriamente ameaçador ou *considerado real*” (p. 43, grifos nossos). Tal consideração envolve a distinção delineada entre angústia realista e angústia neurótica, que fora apresentada na “Conferência 25” (Freud, 1916-1917/2014), sendo retomada em *ISA*. A modalidade realista corresponderia a uma “reação à percepção de um perigo externo, ou seja, de um dano esperado, previsto; ... é lícito considerá-la como manifestação do instinto [pulsão] de autoconservação” (Freud, 1916-1917/2014, p. 521). Já a angústia neurótica seria referente às exigências da libido; portanto, um perigo interno.

Lembramos que, em *ISA*, a concepção de angústia sinal é indicada como uma conquista em prol da autoconservação, uma vez que se encontra fortemente relacionada à questão defensiva. Considerando-se a

angústia de castração como o sinal que mobiliza o recalque, não é estranho tomar a ameaça de castração como algo real, e a angústia correlativa como realista. Entretanto ela poderia também ser considerada uma angústia neurótica, dado que o ponto de partida de todas as neuroses consiste na “necessidade de defender-se das exigências libidinais do complexo de Édipo” (Freud, 1926/2014, p. 49). Entendemos que a angústia de castração fica, então, dividida no binômio de uma perspectiva realista-neurótica, levando em reboque o perigo de castração, inserido na polarização entre interno e externo.

Em relação a isso, Freud (1926/2014) faz uma consideração que problematiza a questão da espacialização psíquica do perigo. Segundo ele, a exigência pulsional “não é um perigo em si, mas apenas por acarretar um real perigo externo, a castração” (1926/2014, p. 65, grifos nossos).

Trata-se de uma asserção problemática à primeira vista. Aparentemente, ela confere primazia a algo factual, fora do enquadramento típico da psicanálise, que privilegia a realidade psíquica, a fantasia. Laplanche (1987) chega a considerá-la como uma redução ameaçadora, um “verdadeiro achatamento do freudismo” (p. 138). Em outro momento de *ISA*, considera-se que a ameaça de castração somente entraria em vigor caso houvesse uma disposição de certos sentimentos e propósitos cultivados interiormente. Estes seriam proscritos; a realização de tais tendências seria passível de punição. “Dessa maneira, esses impulsos instintuais [pulsionais] se tornam condições para o perigo externo e, assim, *perigosos eles mesmos*; e podemos então combater o perigo externo adotando medidas contra o perigo interno” (Freud, 1926/2014, p. 89, grifos nossos). Identificamos, assim, certa vacilação quanto à localização do perigo, a partir das considerações tecidas acerca da ameaça de castração: ora o acento do perigo recai sobre o que é externo, ora, sobre o que é interno. Essa oscilação é acompanhada pelas medidas empregadas contra o perigo: a fuga, quando a ameaça advém desde o exterior; a luta defensiva, quando ela se origina de exigências pulsionais.

Hanns (1999) observa uma diferença de tendência em preconizar elementos internos e externos no percurso freudiano. Segundo ele, até aproximadamente 1924, a teoria freudiana da angústia conferia ênfase na matriz interna do afeto, operante no processo primário, que acomete o sujeito sempre que ocorre um incremento da excitação pulsional. Os perigos externos eram utilizados pela psique como imagens a fim de representar o

perigo pulsional interno. A partir de 1924, Freud tende a considerar o perigo pulsional como derivado do conhecimento consciente que o sujeito tem acerca dos desdobramentos desagradáveis no mundo externo, caso desse livre curso à satisfação das pulsões. O processo secundário facultaria ao Eu a possibilidade de reconhecer cognitivamente o perigo e o antecipar, refreando suas inclinações pulsionais. “Neste caso, o medo neurótico é a aplicação do modelo do trauma do nascimento às *consequências* perigosas que a satisfação da excitação de origem sexual traria” (Hanns, 1999, p. 117).

Essas considerações nos permitem identificar que o ponto de virada da mudança de ênfase refere-se à segunda tópica. Como já indicado, as funções do Eu passam a adquirir maior relevância na teorização freudiana, e isso se reflete na noção de perigo. Além disso, é possível observar que a interferência da realidade externa na constituição do psiquismo é destacada nesse contexto do pensamento freudiano. Em “O problema econômico do masoquismo”, Freud (1924/2011) chega a asseverar que “a primeira renúncia instintual [pulsional] é forçada por poderes externos” (p. 202). Tal característica não poderia deixar de comparecer na revisão da teoria da angústia proposta em *ISA*.

Chegando ao final de seu ensaio, Freud (1926/2014) procura encaminhar o impasse entre o interno e externo recorrendo à dimensão negativa do trauma, o *núcleo do perigo*, àquilo que torna a perda do objeto essencialmente perigosa: “perigo externo e interno, perigo real e exigência instintual [pulsional] convergem na relação com a situação traumática, em que o indivíduo se encontra desamparado” (p. 118). Consideramos isso muito interessante. A despeito das significações conferidas ao perigo, capitaneadas pela primazia atribuída ao complexo de castração, a leitura freudiana tende a visar o aspecto vazio do trauma e do desamparo.

A partir da revisão de sua casuística clínica, Freud identifica o perigo ante o qual a angústia do Eu, emitida como sinal, põe em marcha o processo defensivo que constitui o campo das neuroses. O sentido desse perigo refere-se à castração. É sob sua primazia que se dá a estruturação subjetiva. Todos os outros perigos, fundamentalmente, remontam para a ameaça de castração. Esta última é articulada em estreita relação com o papel do pai enquanto aquele que exerce um limite para o desenvolvimento das tendências edípicas.

Desse modo, entendemos que a noção de angústia de castração é um emergente teórico de *ISA* que vem concatenar os nexos entre a geração de angústia e as neuroses. A esse respeito, Freud considera que “em nossa concepção, os laços entre angústia e sintoma se revelam menos estreitos do que se imaginou, consequência do fato de havermos interposto entre eles o fator da situação de perigo” (1926/2014, p. 88). A angústia na neurose é conceituada dentro do contexto do sentido, da ameaça significada, referente ao qual a angústia opera sua função indicativa. Na medida em que o sentido do perigo da castração é especializado naquilo que diz respeito à satisfação dos amores e ódios edípicos e, posta a centralidade de tal ameaça no quadro defensivo do psiquismo, podemos, portanto, considerar que a noção de angústia de castração vem responder pela função do afeto na deflagração das neuroses.

Objeto da angústia

A concepção de angústia apresentada em *ISA* considera a inexistência de objeto relativo a esse afeto. “Nela há uma característica de indeterminação e ausência de objeto” (Freud, 1926/2014, p. 114). Quando a reação de angústia encontra um objeto referente, o afeto adquire outra qualidade, sendo designado por medo ou temor (*furcht*, em alemão).

Novamente, a discussão se envereda pela senda correspondente à dualidade entre angústia realista e angústia neurótica. A modalidade realista referindo-se a um perigo conhecido, a partir de um objeto externo; a neurótica, relativa a um perigo pulsional, portanto, inconsciente. Tal maneira de entender o fenômeno apresenta-se problemática, uma vez que são observadas situações nas quais a reação afetiva ante um perigo identificável mostra-se maior do que o necessário para sua sinalização. Nesses casos, tem-se um perigo real e conhecido, combinado a um excesso de angústia. Freud (1926/2014) propõe a ocorrência de uma ligação do perigo real a um perigo pulsional, de maneira que angústia realista e angústia neurótica aparecem, então, mescladas.

Além disso, coloca-se como relevante um dos elementos referentes à concepção da angústia de castração. Como vimos, ela apresenta-se como algo realista; seu perigo é considerado real. “Na medida em que essa exigência instintual [pulsional] é uma *coisa real*, pode-se também admitir um *fundamento real* para a angústia neurótica” (Freud, 1926/2014, p.117, grifos nossos). Assim, a distinção entre angústia realista e

angústia neurótica torna-se vaga, a partir do reconhecimento do *fundamento real* do perigo atinente às exigências pulsionais.

Freud atribui outra característica à angústia, além da ausência de objeto. Ele sublinha o traço de expectativa, de espera, no qual é possível preparar-se para o perigo. Isso se alinha às funções do Eu, visando a autopreservação, e estabelece relação com a situação perigosa, que possui sentido articulado. Como vimos, isso está ligado à dimensão semiotizada da angústia, à sua função de sinal. Segundo Freud, a angústia tem uma “relação com a *expectativa*: é angústia *diante de algo*” (Freud, 1926/2014, p. 114). Surge a pergunta que visa discernir o que constitui esse algo (*etwas*, em alemão), diante do qual a reação de angústia é emitida. As considerações etimológicas acerca da angústia, encontradas em Hanns (1996), nos indicam que ela designa um afeto altamente reativo, ante uma ameaça muito próxima. Dessa forma, o que seria esse *algo*, ameaça que se mostra imediata, em relação a qual a angústia surge como reação?

A característica de expectativa está intimamente relacionada à situação perigosa. Esta, por sua vez, constitui-se no âmbito semântico da perda de um objeto protetor. Como foi abordado no tópico em que foi apresentada a noção de perigo, o deslocamento da situação traumática para a situação de perigo, ocorre mediante a constituição de um objeto representacional capaz de livrar o sujeito do desamparo (Freud, 1926/2014).

Entretanto, são assinalados os limites quanto a essa proteção oferecida pelo objeto. Freud (1926/2014) observa que o alcance da idade adulta não garante suficiente salvaguarda contra o retorno da traumática situação do desamparo. Ele conclui que “deve haver, para cada indivíduo, um *limite* além do qual seu aparelho psíquico fracassa em lidar com as quantidades de excitação que requerem aviamento (Freud, 1926/2014, p. 93, grifo nosso).

A possibilidade da instauração de situação traumática está sempre presente. Quanto a isso, Pereira (1999) salienta a importância em *desacidentalizar* o desamparo, concebendo-o como um horizonte da existência humana. Uma condição, portanto, que não se reduz aos primeiros tempos da vida, o que corresponderia apenas ao desamparo biológico. Tal horizonte, intrínseco ao sujeito, remete aos “limites da capacidade metafórica da linguagem” (Pereira, 1999, p. 87). No excerto supracitado de *ISA*, Freud (1926/2014) menciona um *limite*, além

do qual o aparelho psíquico é incapaz de aviar as excitações pulsionais. Essas observações nos permitem observar o quão precária é a proteção do objeto suposto salvador da condição do desamparo.

Ao tentarmos encaminhar um discernimento quanto ao *algo* (*etwas*) na presença do qual a angústia surge, somos remetidos à ausência e indeterminação do objeto. Observamos a relação desta característica da angústia à situação traumática, esvaziada de sentido, definida como pura quantidade. Segundo a perspectiva freudiana, esse algo irrepresentável não poderia ser concebido, a rigor, como um objeto. A esse respeito, Coelho Júnior (2001) indica que a noção de objeto na psicanálise freudiana implica uma representação psíquica, que por sua vez é constituída a partir de um objeto empírico. Desta forma, aquilo que deflagra a angústia, que incita a reação desse afeto, em última instância, refere-se à dimensão irrepresentável do trauma, atinente à condição de desamparo. Trata-se de *algo* que extrapola os limites que concernem à possibilidade de designarmos um objeto, segundo a inteligibilidade freudiana.

Entretanto é preciso lembrarmos que a angústia se aplaca por meio dos objetos que o psiquismo vai configurando, no processo de construção de suas fantasias. A partir disso, duas condições se destacam: por um lado o prototípico objeto primário materno, que subsiste em uma fantasia retroativa, e, por outro, o objeto paterno, que configura uma figura de injunção da lei e, portanto, um sinalizador do perigo e, ainda, ameaça de castração. Assim, pelo menos dois objetos organizam e estruturam a fantasia que subsiste e dinamiza a formação e expressão da angústia no modelo metapsicológico freudiano. A questão é que o objeto, nesses casos, não é tanto um objeto *da* angústia, com o genitivo subjetivo – um objeto pertencente à angústia – mas um objeto da fantasia construída, ao qual a angústia se refere. De qualquer forma, essa fantasia vem emprestar sua qualidade à forma de sinalização defensiva e, portanto, à qualidade da angústia que se expressa. Desse modo, a questão do objeto da angústia não se resolve de forma simples na metapsicologia freudiana, é preciso descrevê-la em seus diferentes momentos de produção.

Considerações finais

Freud propõe uma sequência remissiva na qual um elemento aponta para o subsequente, em uma linha vetorizada para o que é mais original: “angústia – perigo – desamparo (trauma)” (1926/2014, p. 116). Em

seguida, ele esclarece: “a angústia é a original reação ao desamparo no trauma, que depois é reproduzida na situação de perigo como sinal para a ajuda” (Freud, 1926/2014, p. 116). Assim, o trauma, a temida situação econômica, é o fundamento da situação de perigo. Em última instância, é o que se teme ante um perigo. Ao abordar a temporalidade prospectiva da angústia, sua característica de antecipação enquanto sinal, ele afirma: “a angústia é, de um lado, expectativa do trauma, e, de outro, repetição atenuada do mesmo” (Freud, 1926/2014, p. 116).

A despeito do sinal ter como referente um perigo com sentido articulado, a visada da angústia aponta para o núcleo do perigo, para o vazio do qual o objeto supostamente pode proteger. Sugerimos uma precisão quanto ao perigo, no que diz respeito às relações sugeridas entre angústia, perigo e sinal: ele se desdobra em desamparo/trauma e falta/perda. A situação de desamparo é identificada por Freud (1926/2014, 1927/2014, 1930/2010, 1950[1895]/1995) como perigosa em última instância. É o núcleo do perigo, sendo definida por pura quantidade, ou exigência pulsional excessiva. A convulsão econômica implícita no momento do nascimento, protótipo para as ulteriores situações de perigo, é da ordem do trauma, do irrepresentável, da pulsão de morte. O perigo da perda se refere à constituição de um objeto, possui qualidade e representação.

Portanto, temos uma conceituação de perigo escalonada em dois patamares: um, mais imediato, representado, que diz respeito à falta do objeto. O sinal de angústia é emitido em relação à possibilidade dessa perda. Isso responde pela necessidade de uma vivência inscrita, cuja possibilidade de ocorrência é sinalizada pela angústia. O outro momento condiz com a situação traumática, a condição de desamparo na qual o sujeito se encontraria sem a proteção do objeto caso a perda se efetivasse.

Não estamos sugerindo a ideia de um *perigo maior*, representado pelo desamparo, mas apenas pondo em destaque que ele é o que está por trás do perigo da perda, ou seja, o seu fundamento. O perigo quanto à possibilidade da perda do objeto se dá sobre o pano de fundo do desamparo. Podemos verificar, então, uma semântica da falta do objeto, da perda, ou da separação, na definição do perigo a ser sinalizado. Entretanto, tal construção de sentido é articulada sobre a dimensão do desamparo, da irrepresentável convulsão econômica.

Enfim, a dimensão *histórica*, atinente ao sinal de angústia, fundamenta-se sobre a dimensão *econômica*, pulsional.

Podemos dizer que o Édipo constitui o eixo teórico, referente ao qual o percurso argumentativo de *ISA* é desenvolvido, quanto à angústia de castração. A semântica da falta/perda encontra uma especialização na angústia de castração. A situação de perigo sinalizada refere-se às consequências danosas, na realidade, derivadas da satisfação das tendências edípicas. Isso vem centralizar a compreensão do desenvolvimento da personalidade na problemática edípica, o que permite afirmar que a metapsicologia freudiana acaba se enraizando na matriz clínica da neurose (Mezan, 2014). Contudo, além de uma restrição referente à abrangência clínica, esse esquema parcial também apresenta outros problemas, que são da ordem de sua fundamentação epistemológica, tais como o lugar da realidade e da referência ao objeto e, principalmente, da relação que pode se produzir entre os registros do interno e do externo ao psiquismo. Essas questões remetem ao estatuto da representação mental como correspondência a um referente externo (Campos, 2014; Loffredo, 1999).

O perigo relativo à castração encontra lastro na ameaça paterna, como algo que vem de fora. Entretanto, podemos verificar que, em *ISA*, é conferido um fundamento real às exigências pulsionais. A realidade do perigo não se situa apenas em objetos exteriores e perceptíveis. Entendemos que a angústia realça a realidade da ameaça, advinda tanto do *exterior* quanto do *interior*, sendo isso o que confere seu estreito vínculo com as neuroses. Como Freud (1926/2014) pondera: "... se parece haver uma relação muito íntima entre angústia e neurose, é porque o Eu se defende tanto de um perigo instintual [pulsional] como de um perigo real externo com a reação de angústia ...". (p. 117).

Isso relativiza a polarização, outrora sustentada, entre os eixos 'angústia realista / perigo externo / ameaça real-objetiva' e 'angústia neurótica / perigo interno / ameaça pulsional'. Lembramos que, ao final de *ISA*, a aporia referente à espacialização psíquica do perigo é remetida à convergência dos polos externo e interno para a dimensão do trauma/desamparo, essencialmente negativa. Porém, entendemos que o expediente apenas aponta o pano de fundo irrepresentável, sobre o qual a tematização do perigo é articulada, dado que esta exige uma elaboração simbólica, implicando em referências representacionais. Em outras palavras, o perigo do

desamparo seria *genérico* e, nesse sentido, de caráter mais ontológico; o referente à castração, mais *específico* e também o *estruturante* da personalidade. A angústia de castração, em *ISA*, é destacada em seu protagonismo como deflagradora do processo defensivo e conseqüente formação das psiconeuroses. Ela é referente a uma ameaça representacionalmente especializada, sendo, portanto, uma *angústia qualificada*, inserida em um *contexto representacional* atinente ao perigo da perda do objeto fálico.

Percebe-se, assim, o quanto a angústia, em *ISA*, se apresenta balizada por essas duas dimensões: trauma/desamparo – no que diz respeito à angústia irrepresentável, o afeto originário – e o perigo da castração – angústia qualificada, ou especializada, dado que constituída em um plano de representação. Também podemos afirmar que essas duas balizas possuem características bem demarcadas. A primeira é fundamentalmente *negativa*: uma intensidade traumática irrepresentável, que se impõe como apelo de sentido, por meio de articulação simbólica. A segunda, em sua expressão, também é negativa, mas é da ordem de um efeito da falta, pressupondo, portanto, a representação de um objeto protetor do desamparo, cuja perda é sinalizada como perigo. Dessa forma, ela configura uma *positividade*.

O emergente teórico relativo ao objeto da angústia nos indica duas considerações. Por um lado, ele se caracteriza pela indeterminação; por outro trata-se de *algo* diante do qual a angústia comparece. Entendemos que tal tentativa de circunscrição de um objeto não identificável, mas que afeta, remete à situação traumática, na qual o que se destaca é a temida exigência pulsional. O estabelecimento de um objeto assim delineado estaria fora do enquadre da inteligibilidade freudiana, uma vez que se refere à dimensão negativa do irrepresentável.

Tal como indicado no início desse trabalho, as elaborações de *ISA* circunscrevem-se no terceiro tempo da periodização referente à teoria da angústia, no pensamento de Freud. Como foi exposto, ao longo da argumentação, a angústia foi situada no contexto da segunda tópica, no qual o Eu possui papel de destaque, além da realidade exterior, na constituição da subjetividade. A noção de um Eu ativo, capaz de sinalizar a ameaça e acionar o processo defensivo, em prol da autoconservação, é destacada nesse momento. Dessa forma, a acepção da angústia como sinal adquire lugar central na teoria, salientando sua função, o que também confere distinção à noção de perigo, uma vez que é frente a ele que a angústia é emitida.

Entretanto, a noção de perigo em *ISA* não se reduz apenas à dimensão da realidade externa ou da regulação funcional, incluindo a coerção pulsional, que é seu fundamento. A ideia de um escalonamento da ameaça em dupla vertente, bem como o fundamento real das pulsões, nos leva a considerar que o entendimento do perigo passa ao largo de qualquer concepção ingênua. A angústia, assim, fica situada entre o perigo representado e a irrepresentabilidade do trauma, o núcleo da ameaça. Desse modo, a conceituação da angústia em *ISA* se dá sob a perspectiva do quadro compreendido por essas duas balizas, perigo e trauma.

A argumentação tecida em *ISA* situa a angústia no eixo edípico, enfatizando o perigo constituído no paradigma da representação. Se o perigo interpõe-se entre a angústia e o sintoma, como apontado por Freud (1926/2014), é porque a ameaça está articulada em fantasias de castração, que encenam as perdas e separações e seus terríveis desdobramentos. As narrativas neuróticas nos apresentam a angústia do sujeito ante tais concepções, o que enseja a formação de seus sintomas. É pela bússola oferecida pela angústia que será possível identificar os pontos ameaçadores, podendo-se, a partir daí, redimensionar os perigos temidos, além de aceitar a condição humana, chancelada pela marca do desamparo. Afinal de contas, embora sinalizando as representações do perigo da castração, a angústia nunca perde a perspectiva do traumático, sempre indicando o horizonte da realidade coercitiva das pulsões, dos limites da proteção dos objetos. Acenando para os confins dos sentidos que ornaram a vida, a angústia revela o humano fundamentalmente desamparado.

Referências

- Campos, E. B. V. (2014). *Limites da representação na metapsicologia freudiana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Campos, E. B. V., & Coelho Junior, N. (2010). Incidências da hermenêutica para a metodologia da pesquisa teórica em psicanálise. *Estudos de Psicologia*, 27(2), 247-257. doi: 10.1590/S0103-166X2010000200012.
- Coelho Junior., N. E. (2001). A noção de objeto na psicanálise freudiana. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 4(2), 37-49. doi: 10.1590/S1516-14982001000200003.
- Figueiredo, L. C. (1999). As províncias da angústia (Roteiro de viagem). *Rev. latinoam. psicopatol. Fundam.*, 2(1), 50-63. doi: 10.1590/1415-47141999001004.
- Freud, S. (1995). *Projeto de uma psicologia*. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1950[1895]).
- Freud, S. (2010). História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”). In P. C. Souza (Coord.), *Obras completas* (Vol. 14, pp. 13-160). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1918).
- Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In P. C. Souza (Coord.), *Obras completas* (Vol. 14, pp. 161-239). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1920).
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In P. C. Souza (Coord.), *Obras completas* (Vol. 18, pp. 13-122). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1930).
- Freud, S. (2011). O Eu e o Id. In P. C. Souza (Coord.), *Obras completas* (Vol. 16, pp. 13-74). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1923).
- Freud, S. (2011). O problema econômico do masoquismo. In P. C. Souza (Coord.), *Obras completas* (Vol. 16, pp. 184-202). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1924)
- Freud, S. (2014). Conferência 25: a angústia. In P. C. Souza (Coord.), *Obras completas* (Vol. 13, pp. 519-544). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1916-1917).
- Freud, S. (2014). Inibição, sintoma e angústia. In P. C. Souza (Coord.), *Obras completas* (Vol. 17, pp. 13-123). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1926).

- Freud, S. (2014). O futuro de uma ilusão. In P. C. Souza (Coord.), *Obras completas* (Vol. 17, pp. 231-301). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1927).
- Freud, S. (2015). Análise da fobia de um garoto de cinco anos (“O pequeno Hans”). In P. C. Souza (Coord.), *Obras completas* (Vol. 8, pp. 123-284). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1909).
- Freud, S. (2016). Estudos sobre a histeria. In L. Barreto (Coord.), *Obras completas* (Vol. 2). São Paulo: Companhia das Letras (Original publicado em 1893-1895).
- Garcia-Roza, L. A. (2008). *Introdução à metapsicologia freudiana, v.2: A interpretação do sonho*. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Gay, P. (2012). *Freud: uma vida para o nosso tempo*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1989).
- Green, A. (1982). *O discurso vivo: por uma teoria psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Hanns, L. A. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Hanns, L. A. (1999). *A teoria pulsional na clínica de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Laplanche, J. (1987). *Problemáticas I: a angústia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Loffredo, A. M. (1999). Em busca do referente, às voltas com a polissemia dos sonhos: a questão em Freud, Stuart Mill e Lacan. *Psicologia USP*, 10(1), 169-197. doi: 10.1590/S0103-65641999000100009.
- Loffredo, A. M. (2012). Anotações sobre a leitura freudiana da angústia. *Tempo psicanalítico*, 44(1), 105-130. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382012000100007&lng=pt&tlng=pt.
- Mezan, R. (2014). *O tronco e os ramos: estudos de história da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Monzani, L. R. (1989). *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Pereira, M. E. C. (1999). *Pânico e desamparo: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Escuta.
- Rank, O. (2016). *O trauma do nascimento: e seu significado para a psicanálise*. São Paulo: Cienbook. (Original publicado em 1924).
- Rocha, Z. (2000). *Os destinos da angústia na psicanálise freudiana*. São Paulo: Escuta.

Uchitel, M. (2011). *Neurose traumática: uma revisão crítica do conceito de trauma*. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.